

Charles Bukowski

Mulheres

Tradução de Vasco Gato

Eu tinha cinquenta anos e não ia para a cama com uma mulher havia quatro anos. Não tinha amigas. Olhava para as mulheres ao passar por elas na rua e via-as em todo o lado, mas olhava-as sem desejo e com uma sensação de inutilidade. Masturbava-me com regularidade, mas a ideia de ter uma relação com uma mulher — mesmo num plano não sexual — situava-se para lá da minha imaginação. Tinha uma filha de seis anos nascida fora do casamento. Vivía com a mãe e eu pagava a pensão de alimentos. Casara-me anos antes, aos trinta e cinco. Casamento esse que durou dois anos e meio. A minha mulher divorciou-se de mim. Eu só me tinha apaixonado uma única vez. Ela morrera de alcoolismo extremo. Morreu aos quarenta e oito, quando eu tinha trinta e oito. A minha mulher era doze anos mais nova do que eu. Julgo que por esta altura também ela já estará morta, embora não tenha a certeza. Escreveu-me uma longa carta todos os Natais durante seis anos a seguir ao divórcio. Nunca respondi...

Não sei ao certo quando foi a primeira vez que vi a Lydia Vance. Foi há cerca de seis anos e eu tinha acabado de deixar um emprego de doze anos como funcionário dos correios e tentava ser escritor. Aterrorizado, bebia como nunca. Andava às voltas com o meu primeiro romance. Bebia meio litro de *whisky* e duas embalagens de seis cervejas todas as noites enquanto escrevia. Fumava charutos ordinários e dactilografava e bebia e ouvia música clássica que passava na rádio até de madrugada. Fixava um objectivo de dez páginas por noite, mas só no dia seguinte é que percebia quantas páginas tinha escrito. Levantava-me de manhã, vomitava, depois ia até à sala de estar e olhava para o sofá para ver quantas páginas lá estavam. Excedia sempre as tais dez. Por vezes eram dezassete, dezoito, vinte e três, vinte e cinco páginas. Claro que esse trabalho de uma noite precisava de ser desbastado ou deitado fora. Demorei vinte e uma noites a escrever o meu primeiro romance.

Os donos da praceta onde eu então morava, que viviam na parte de trás, achavam-me maluco. Todas as manhãs, ao acordar, tinha no alpendre um grande saco de papel pardo. O conteúdo ia variando, mas os sacos traziam sobretudo tomates, rabanetes, laranjas, chalotas, latas de sopa, cebolas-roxas. Eu bebia cerveja com eles noite sim, noite não, até às quatro ou cinco da manhã. O velho caía para o lado e eu e a senhora dávamos as mãos e eu espetava-lhe um ou outro beijo. Dava-lhe sempre um grande à porta. Toda ela era rugas, mas não havia nada que pudesse fazer. Era católica e ficava bonita quando punha o chapéu cor-de-rosa para ir à igreja ao domingo de manhã.

Julgo que conheci a Lydia Vance na minha primeira leitura de poesia. Foi numa livraria na Kenmore Avenue, chamada The Drawbridge. Uma vez mais, sentia-me aterrorizado. Superior mas aterrorizado. Quando lá entrei, só havia lugares em pé. O Peter, que geria a livraria e vivia com uma miúda negra, tinha à frente dele um monte de dinheiro.

— Porra — disse-me ele —, se eu conseguisse ter isto sempre assim à cunha, tinha dinheiro suficiente para fazer mais uma viagem à Índia!

Entreí e as pessoas começaram a bater palmas. No que dizia respeito a leituras de poesia, eu estava prestes a perder os três.

Estive trinta minutos a ler antes de fazer um intervalo. Estando ainda sóbrio, sentia olhos a fixarem-me do meio da escuridão. Vieram ter comigo umas quantas pessoas para conversar. Foi então que, durante uma pausa, a Lydia Vance se aproximou. Eu estava sentado numa mesa a beber cerveja. Ela apoiou ambas as mãos no rebordo da mesa, inclinou-se e olhou para mim. Tinha cabelo castanho comprido, muito comprido, um nariz saliente, e um dos olhos não condizia lá muito bem com o outro. Mas irradiava vitalidade — percebia-se que estava ali. Senti vibrações a circularem entre nós. Algumas dessas vibrações eram confusas e não eram boas, mas estavam lá. Ela olhava para mim e eu olhava para ela. A Lydia Vance trazia um casaco de vaqueira, de camurça, com umas franjas à volta do pescoço. Tinha uns belos seios.

— Gostava de te arrancar essas franjas do casaco, podíamos começar por aí! — disse-lhe eu.

A Lydia foi-se embora. Não resultara. Eu nunca sabia o que dizer às miúdas. Mas ela tinha cá um rabo. Fiquei a ver aquele lindo rabinho enquanto ela se afastava. O fundilho das calças de ganga azul amparava-o e fiquei a observá-lo à medida que ela se afastava.

Terminei a segunda parte da leitura e esqueci-me da Lydia tal como esquecia as mulheres por quem passava na rua. Peguei no dinheiro, assinei uns guardanapos, uns bocados de papel, e fui-me embora de carro para casa.

Continuava a trabalhar todas as noites no romance. Nunca começava a escrever antes das 18:18. Era a essa hora que costumava picar o ponto na Estação de Correios do Terminal Annex. Eram seis da tarde quando eles apareceram: o Peter e a Lydia Vance. Abri a porta.

— Olha, Henry, olha o que eu te trouxe! — disse o Peter.

A Lydia saltou para cima da mesa de centro. As calças de ganga estavam-lhe mais justas do que nunca. Pôs-se a sacudir o cabelo castanho comprido de um lado para o outro. Era louca, era miraculosa. Pela primeira vez, pus a hipótese de fazer efectivamente amor com ela. Começou a recitar poesia. Dela. Que era muito má. O Peter tentou travá-la:

— *Não! Não! Em casa do Henry Chinaski é proibido rimar!*

— Deixa-a estar, Peter!

Eu queria ver-lhe as nádegas. Ela ia percorrendo a passos largos a velha mesa de centro, para cá e para lá. Depois, pôs-se a dançar. Agitava os braços. A poesia era terrível, ao contrário do corpo e da loucura.

A Lydia desceu dando um pulo.

— Que tal te pareceu, Henry?

— O quê?

— A poesia.

— Se é que se pode chamar...

A Lydia ficou imóvel com as folhas de poesia na mão. O Peter agarrou nela.

— 'bora foder! — disse-lhe. — Anda lá, 'bora foder!

Ela deu-lhe um empurrão.

— Tudo bem — disse o Peter. — Vou-me embora, então!

— Vai-te lá embora. Eu estou de carro — disse a Lydia. —
Consigo voltar para casa.

O Peter acelerou até à porta, depois parou e virou-se.

— Ora bem, Chinaski! Não te esqueças do que eu te trouxe!

Fechou a porta com estrondo e desapareceu. A Lydia sentou-se no sofá, junto à porta. Eu sentei-me aí a uns trinta centímetros dela. Olhei para ela. Tinha um aspecto maravilhoso. Eu estava com medo. Estiquei o braço e toquei-lhe os cabelos compridos. Aquele cabelo era mágico. Afastei a mão.

— Esse cabelo todo é mesmo teu? — perguntei, sabendo que sim.

— É — disse ela —, mesmo.

— Pus-lhe a mão debaixo do queixo e tentei muito acanhadamente virar a cabeça dela para a minha. Não tinha confiança nestas situações. Beije-a ao de leve.

A Lydia levantou-se de um pulo.

— Tenho de me ir embora. Estou a pagar a uma *babysitter*.

— Eh pá — disse eu —, fica. Eu pago. Fica mais um bocadinho.

— Não, não posso — disse ela. — Tenho de ir.

Encaminhou-se para a porta. Eu fui atrás. Abriu a porta. Depois virou-se. Tentei agarrá-la uma última vez. Ela levantou a cara e deu-me um beijo mínimo. Depois afastou-se e deixou-me umas folhas dactilografadas na mão. A porta fechou-se. Sentei-me no sofá com os papéis na mão e ouvi o carro dela a arrancar.

Os poemas vinham agraphados, mimeografados, com o título *ELAAAA*. Li uns quantos. Eram interessantes, cheios de humor e sexualidade, mas estavam mal escritos. Eram da Lydia e das três irmãs dela — todas tão divertidas e corajosas e sensuais juntas. Larguei as folhas e abri a garrafinha de *whisky*. Lá fora estava escuro. A rádio passara sobretudo Mozart, Brahms e Bee.